

ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR EM AVES SILVESTRES SOB CUIDADOS HUMANOS

Isabella Cristina Souza Félix^{1*}, Giovanna de Melo Inácio¹, Anna Júlia Monteiro Koelln¹, Sabrina de Moraes Miranda¹, Lucas Belchior Souza de Oliveira² e Camila Stefanie Fonseca de Oliveira³

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: Contato: felixisabella480@gmail.com

²Médico veterinário, Doutorando em Ciência Animal pela UFMG, Docente da graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário Belo Horizonte - UniBH - Brasil

³Médica Veterinária, Docente da graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

INTRODUÇÃO

A estreita relação estabelecida entre aves e seres humanos se dá por vários fatores, entre eles destacam-se fácil aquisição destes animais, vasta biodiversidade de aves canoras, fenótipo vistoso, facilidade de manejo, baixo custo de manutenção e a cultural normalização da captura ilegal destes animais¹. O impacto negativo de ações antrópicas para o bem estar de aves silvestres é uma grande preocupação social, científica, ética e política nos dias atuais; visto a falta de conhecimento da população acerca das características nutricionais, comportamentais e sanitárias desses indivíduos, bem como das características espécie-específicas a serem consideradas². Sob essa perspectiva, a falta de estudos acerca de estratégias de avaliação do bem-estar de aves sob cuidados humanos em zoológicos, criadores comerciais e amadores, em serviços de resgate de fauna e atendimento veterinário, tornam escassa a disponibilidade de materiais e de bases consolidadas para a avaliação do bem-estar desses animais¹. Dada a necessidade do desenvolvimento de estratégias para reduzir o estresse e, conseqüentemente, ampliar a busca por melhor qualidade de vida e manejo das diversas espécies nativas e exóticas presentes em território nacional, é de fundamental importância a avaliação na literatura de possíveis associações de características comportamentais, princípios de avaliação e relatos de casos que possam direcionar perícias de bem estar, assim como a garantia dos direitos básicos pré-estabelecidos por lei.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta revisão bibliográfica foram utilizadas bases de dados como *PubMed*, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Elsevier*, Google acadêmico, entre outras bibliotecas virtuais. O presente estudo propôs a síntese de informações e aplicabilidades voltadas a estratégias de avaliação de bem-estar em aves, por meio da seleção de trabalhos científicos disponíveis. As buscas foram feitas por meio de palavras-chaves e descritoras como: indicadores de bem-estar em aves, semiologia de aves, avifauna brasileira, avaliação de bem-estar, comportamento de aves, com foco em psittaciformes e passeriformes. Os artigos foram selecionados de acordo com a temática e relevância, respeitando intervalo de tempo de até 10 anos de publicação.

RESUMO DE TEMA

As aves são representadas por mais de dez mil espécies, sendo que metade delas são passeriformes³. A classe aves é a maior representante de vertebrados terrestres e está amplamente distribuída em todo o globo, com diversas particularidades fisiológicas específicas de cada habitat a qual pertence. Tais singularidades despertam o interesse da população em tê-las como animais de estimação, assim como observá-las em criadouros e zoológicos⁴. Porém, muitas vezes esses animais são tratados sem qualquer acesso a condições adequadas de bem-estar, visto que são espécies não convencionais e, sem a devida pesquisa, acompanhamento especializado e atenção às características comportamentais, alimentares e de ambiência, podem ser submetidas a condições altamente estressantes que comprometem sua qualidade de vida, por completa imperícia ou imprudência dos tutores e por falta de alojamentos apropriados quando em casos de apreensão e encaminhamento dos animais para Centros de Reabilitação ou mesmo zoológicos^{3,4}.

Em 1965 foram criadas diretrizes e parâmetros voltados ao manejo de animais conhecidas como “As Cinco Liberdades”, sendo estabelecidas as seguintes premissas: livre de fome e sede, livre de desconforto, livre de dor, ferimentos e doenças, livre de medo e angústia, e, liberdade para expressar seu comportamento natural⁵. Essa abordagem trouxe aspectos de manejo de animais de produção e se centrava principalmente em aspectos do conforto do indivíduo em relação ao espaço físico⁶. Essa percepção ainda é uma realidade cultural no Brasil, como apresentado na perícia realizada por Reis e colaboradores⁷, o qual a percepção da maioria dos entrevistados acerca de maus-tratos contra aves se limita a necessidades

básicas e critérios de fácil visualização, como os já citados. No entanto, já é conhecida a necessidade da avaliação adequada sobre manutenção, manejo e biologia do animal, sendo também avaliadas suas condições mentais, comportamentais, interações sociais e adaptação ao seu meio⁷.

Para o desenvolvimento de critérios que demonstrem com exatidão a qualidade de vida dos animais em diferentes situações, são realizadas análises com base em parâmetros fisiológicos e comportamentais. Dessa forma o bem-estar do animal pode ser mesurado em uma escala paramétrica que estabelece desde o que pode ser adequado a péssimas condições de bem-estar, assim como os pontos críticos de controle e avaliação para a realização de auditorias⁷. Desta forma, a aplicação de um protocolo para a avaliação do bem-estar de aves pode ser realizada por meio de um formulário composto pelos principais indicadores subdivididos de acordo com as necessidades de cada ave, levando-se em consideração as principais características de sua ordem e espécie^{3,8,11}.

Ao analisar as condições de uma ave, se faz necessário o estudo dos sinais e sintomas dos pacientes; assim como a biologia, anatomia e fisiologia; atentando-se também a fatores ambientais como ruídos, odores, movimentos e luminosidade⁸. Os princípios de cuidado para a avaliação desses animais são compostos pela avaliação da dieta e nutrição, condição ambiental, interação social, interação com humanos, saúde física e estímulos mentais. Previamente ao exame é importante observar a ave à distância, preferencialmente sem ser visto por ela. Devem ser considerados hábitos biológicos, características anatomo-fisiológicas, assim como os perigos por ela oferecidos. Feito isso, deve ser realizada a avaliação ambiental da gaiola ou recinto, sendo o ideal a avaliação do ambiente antes de ser limpo. Desta forma, é feita a anamnese e histórico do animal, assim como a inspeção do recito da ave à distância e, apenas após essas avaliações, ser realizada a contenção física e exame clínico quando necessário, já que essa abordagem pode influenciar nos demais parâmetros comportamentais das espécies³. (figura 1)

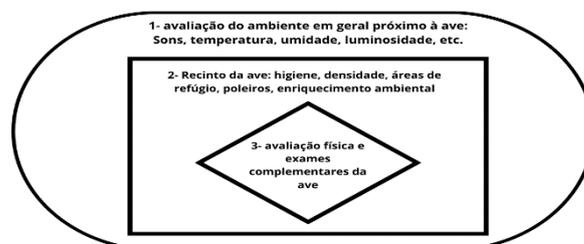
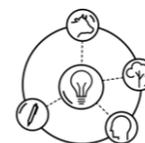


Figura 1: Esquema representativo da sequência de avaliações e exames de bem estar em aves silvestres (adaptado de Reis)⁷

Por meio da avaliação à distância do animal é possível observar situações que, sem o prévio conhecimento sobre a fisiopatogenia de doenças e fatores de impacto no bem-estar não seriam notados, visto que sinais de dor e sofrimento podem ser muito sutis em aves, sendo necessária a interrelação entre comportamento e o ambiente em que se encontra. Nesse momento observa-se a qualidade das instalações, ninhos, poleiros, bebedouros e comedouros, presença de enriquecimento ambiental, tipo de substrato utilizado, higiene geral, grades e telas, densidade populacional, postura e penas, reflexos, ruídos e movimentos respiratórios, movimento pendular de cauda, vômitos e regurgitação, condição das penas, características anatômicas e avaliação cognitivo-comportamental³.

A avaliação do comportamento de fuga e ataque também é uma ferramenta utilizada como base de avaliação de medo e estresse de animais mantidos sob cuidados humanos, de acordo com a proximidade necessária para que o animal se assuste e tente manter uma distância de fuga, assim como a avaliação de reações que indiquem desconforto (figura 2)².

Tal fator tem grande importância visto o risco de lesões ao se debater dentro da gaiola, possíveis escoriações, lesões de bico e fraturas, assim



como efeitos sistêmicos do estresse agudo e crônico em que a patogenia se relaciona a alterações metabólicas importantes. Sendo assim, uma contenção realizada incorretamente pode resultar até mesmo na morte do animal¹⁰.

Reações à aproximação/ Distância do avaliador	Campo Visual	3 a 4 Metros	< de 1 metro	Mão/ contenção
Indiferente	0	0	0	0
Macheou/silêncio	0	0	0	0
Parou suas atividades	2	1	0	0
Alerta	3	2	1	0
Estático	3	2	1	0
Foi para fundo de gaiola	3	2	1	0
Pular rápido	5	4	3	2
Fugiu	8	6	4	2
Chiou	11	8	5	2
Debateu-se	12	10	8	6
NOTA TOTAL				

Figura 2: Tabela de avaliação e Teste de Reatividade em Aves Silvestres (RAS), adaptada de Gonçalves, 2013².

Em situações em que se faz necessária a inspeção da ave contida ou coleta de material para exames complementares, deve-se avaliar a forma de defesa da ave, para reduzir os riscos a ela e ao examinador e seu porte e estado de consciência para definir qual tipo de contenção física a ser aplicada e se deve ser realizada. Deve-se avaliar a técnica mais adequada para a espécie, desde luvas de látex, em casos de passeriformes, ao uso de toalhas, puçás e luvas de couro ou tecido em aves maiores, também como estratégia para auxiliar na movimentação do animal e garantir um manejo menos invasivo, assim como alternativas seguras de contenção química, como a administração de midazolam via instilação intranasal ou por via intramuscular, para produzir sedação e amenizar o estresse¹⁰. Após a contenção física a ave deve ser mantida em um local higienizado e escurecido, como uma caixa de transporte, para reduzir a excitação⁷.

A inspeção mais detalhada se dá por exame sequencial de olhos, ouvidos, cera e narinas, avaliação do bico quanto à uniformidade e consistência, assim como mucosas, língua e coanas. A avaliação do estado nutricional é feita por meio da palpação da massa muscular peitoral. As asas também são um importante ponto de atenção, sendo que linhas transversais em penas são um sinal de estresse, assim como a coloração, simetria, presença de canhões, calos ósseos, ectoparasitos, feridas, crostas ou hematomas, e a hidratação, avaliada por meio do tempo de perfusão e turgidez da veia ulnar. Deve-se observar a possibilidade de alterações circulatórias como cianose e hiperemia, penas periclocaais para observar se há sinais de diarreia, poliúria, enterite, entre outras desordens gastrointestinais, urinárias e/ou reprodutivas, para posterior inspeção de fezes e seus componentes. A atenção a quais os parâmetros normais de frequência respiratória e cardíaca da espécie são de extrema importância pois são bastante variáveis. Por fim, deve-se verificar existência de prolapsos e papilomas, aspecto da glândula uropigiana, esôfago e inglúvio⁸, entre outras avaliações que devem ser direcionadas para a tomada de decisões e direcionamento de tratamento e mudanças no manejo a que o animal é submetido. A instrução de corte de penas de apenas uma asa para impossibilitar o voo também é amplamente disseminada, mas pode ser um grande fator de redução de qualidade de vida, uma vez que, em tentativas de planagem, a ave perde sustentação e aerodinâmica, levando a quedas e giros em seu próprio eixo, o que predispõe o estresse e lesões¹⁰.

Com base nas diversas variáveis a serem avaliadas na rotina clínica de aves, se faz necessário maior conhecimento acerca das características comportamentais desse grupo, tal como o levantamento de características clínicas e comportamentais sugestivas e até mesmo definitivas para a avaliação do bem-estar. Em relação à redução de atividades gerais e de comportamentos de manutenção em quadros de bem-estar deficitário, pode-se observar características como locomoção reduzida, menor ingestão de água e comida, redução ou aumento de auto-cuidado com as penas e periodicidade de banhos, arranque das próprias penas (pterotilomania) ou mesmo de outras aves, entre outros pontos a serem melhor investigados. Com relação à reduzida capacidade de resposta, são observadas imobilidades tônicas, ou reflexo de endireitamento reduzido durante o empoeiramento^{3,8}. Vocalizações atípicas também podem ser

considerados pontos de atenção, como gritos constantes com sonoridade característica de ameaças sociais, gritos de alarme, e necessidade compulsiva por atenção. Ademais, a constante ação de esconder-se, tentativas de fuga, penas eriçadas, olhos fechados, aumento dos movimentos da cabeça, claudicação, queda de asa e circulação/movimentação repetitiva como bicar em locais específicos, cambalhotas, lançamentos de objetos e regurgitação são alguns sinais associados à queda de qualidade de vida em aves sob cuidados humanos, assim como déficits em manejo e atenção às necessidades do animal, principalmente quando associado à quadros de dor^{3,4,7}. O aumento da agressividade a outras aves e humanos, desatenção e voo descoordenado também são alguns dos fatores de análise^{2,3}.

Em contrapartida, avanços na área de treinamento de aves para fins médicos são uma realidade a cada dia maior, com base em condicionamento em reforço positivo, como treinamentos para entrada em caixas, participação voluntária em procedimentos de cortes de unhas ou até mesmo para aplicação de medicações e colocação de máscaras inalatórias para anestesia¹². Essa estratégia pode facilitar a redução de estressores que impactam no bem-estar desses animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo especializado de aves silvestres, a ampliação de campos de conhecimento em bem-estar e a garantia de mínimo impacto sobre o comportamento natural desses animais deve ser pautado por meio do manejo saudável e harmônico durante a manutenção de aves silvestres sob cuidados humanos, tal qual em ocorrências da polícia ambiental, internação em CETAS, clínicas particulares, Zoológicos, entre outras instituições. Dessa forma, o levantamento de dados e pontuações acerca de problemas comportamentais e de meios e escalas de avaliação de bem-estar devem ser utilizados periodicamente para a tomada de estratégias alternativas de manejo, cuidado e observação desses animais, assim como a atualização da literatura, com a necessária ampliação das pesquisas acerca de aspectos comportamentais e fisiológicos de aves silvestres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COSTA, Franciely Alves. **Indicadores de bem-estar de aves ornamentais em estabelecimentos comerciais de Santa Maria-RS**. 42p., monografia, residência em saúde pública, UFSM, fev, 2018.
2. GONCALVES, Paulo Eduardo Machado. **Caracterização de criadores amadores e determinação de indicadores associados ao bem-estar de pássaros canoros criados em gaiolas**. 66, UFMG, 2013.
3. YEATES, James (Ed.). **Companion animal care and welfare: The UFAW companion animal handbook**. John Wiley & Sons, 2019.
4. DOS SANTOS DESERTO, Lorhan Barboza et al. **Comportamento Alimentar de Aves Silvestres em Reabilitação: Influência do Ambiente**. Ensaios e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde, v. 25, n. 5-esp., p. 651-654, 2021.
5. HAMMERSCHMIDT, J. **Diagnóstico de maus-tratos contra animais e estudo dos fatores relacionados**. 172, UFPR, 2017.
6. SIANO, Gabriela Ferreira et al. **Conhecimento e percepção da população sobre bem-estar animal, guarda responsável e maus-tratos a cães**. 80p., UFMG, 2022.
7. REIS, Sérgio Túlio Jacinto. **Perícia de maus-tratos a aves silvestres**. 117p., UNESP, 2018.
8. HARRISON, GJ; LIGHTFOOT, TL. (eds). **Clinical Avian Medicine**. Spix Publishing, Florida, 2006, 1008p.
9. ORSINI, H.; BONDAN, E. F. **Fisiopatologia do estresse. Tratado de animais selvagens: medicina veterinária**, v. 2, p. 35-45, 2014.
10. VILA, Laura Garcia et al. **Midazolam no estresse por contenção em aves silvestres**. 86, UFG, 2015.
11. TULLY, Thomas; DORRESTEIN, Gerry M.; JONES, Alan. **Clínica de aves**. Elsevier Health Sciences, 2016.
12. COOK, Ellen K. **Teaching avian patients and caregivers in the examination room**. Veterinary Clinics: Exotic Animal Practice, v. 15, n. 3, p. 513-522, 2012.